



# PORTA SIM PORTA NÃO

Julieta Lima

# 1

## A Roda

---

Já não tinha dores e as recordações de outros tempos pareciam vir juntar-se à ampola que a enfermeira lhe injectara na veia.

Acomodou a cabeça na almofada, fechou os olhos, um sono estranho andava ali por perto.

Viu-se recém-nascido na roda. A mãe a afastar-se.

– Não vás, mãe! Não vás.

Ficou dentro de um cesto. Era Fevereiro, tê-lo-ia ao menos embrulhado nuns farrapos?

Não, era um berço de baloiço, com véus de cassa azuis, mantinhas de lã com passarinhos bordados e as mãos finas da mãe sempre atentas.

Mas era um cesto e diante dele desfilavam sombreados os berços cuidados dos seus filhos, chiu, dormem!

– Esta gente o que faz aqui?

– Não está aqui ninguém. São horas de descansar!

Eram eles, eram elas. Devia ser cega aquela grafonola! O quarto estava cheio. Todos ali à sua volta, os heróis de todas as suas façanhas, as mulheres que devassara como um lobo faminto, os amigos, os inimigos. Os invejosos e as putas, os

cornudos e as velhacas.

Filho de pais incógnitos, ouviste? Incógnitos!

– Fora daqui, canalha infame! – Se pudesse voltar a cabeça para o outro lado... Mas não tinha forças. – Pulhas!

– Tem muita goela o Sr. Venâncio!

Gornem de inveja!

Ele, que nunca fora filho de ninguém, fez-se o Sr. Venâncio. Não era cá mestre isto ou aquilo, compadre ou tiozinho. Alto lá! Sr. Venâncio, comerciante e fiador de muito soberbo que lhe ferrou o calote.

– Tanto filho, Sr. Venâncio!

Tanto filho. Para ele que não se importaria de ter doze, ia a meio!

Os seus filhos! Deus os abençoasse de bons que eram. E escorreitos. Sem vaidades, e tão lindos! Adiante, saíam à mãe, que tinha sido uma boneca nos seus tempos.

– Está agitado! Assim vou ter que o prender à cama!

Ela outra vez, a toleirona! E ele era lá um cão para aquela grandessíssima porca o ameaçar com cordas? Camela!

Aquietou-se, fingiu dormir e fugiu dali pra fora. Foi sentar-se no jardim do coreto a ouvir os pássaros

Que dias, que lágrimas, que fome. Mas que pagodes também! Tudo tão longe e tudo ali à mão. Embaciavam-se-lhe os olhos e aí vinha o tempo a devolvê-lo moço à força da meninice.

Sem sapatos, rotos os calções, puída a única camisola.

Filho? Filho da puta era o que lhe chamavam. A princípio chorava, depois as lágrimas foram endurecendo como a rocha onde secam as fontes. E fez-se um homem da raça das fragas que não temem as intempéries mas escondem no fundo das cafurnas a piedade sempre pronta a acolher aves e ninhos.

Começou a trabalhar na fábrica da conserva aos cinco

anos. A sua tarefa era enrolar os cigarros aos homens que não podiam perder tempo.

– *Ó fumam, ó trabalham. Vá!*

E ele, com os seus dedos de passarinho, enrolava os Águia com todo o esmero, acendia-os, puxava a fumaça e lá os distribuía de boca em boca.

– Venâncio, saca-me daqui a beata antes que me *quême os beços*.

E ele acudia sempre a correr, fumando o que restava da saliva amarelada dos outros.

Eram cinco anos magrinhos, mas rijos como ferro. Depois do trabalho, corria à espreita do Mandelinho Canudo.

– Hoje aprendeste o quê, Mandelinho?

E copiava as lições do Mandelinho nos cartuchos vazios que apanhava no lixo. Inventou uma sebenta. Juntou papéis, trapos, restos de cartuchos, pedaços de cartão. A seguir entrançou tudo num baracinho onde prendia o lápis e um canivete com que o afiava e limpava as unhas.

E foi aprendendo o que Mandelinho aprendia. Às tantas, na fábrica, cantava a tabuada tão alto, que os homens chegavam a atirar-lhe as cabeças das cavalas para o fazer calar.

– *Moce marfade! Raj ta parta mais os nove vezes nove.*

– Vamos, uma picadinha?

A enfermeira de novo!

– *Espilondrífica, laivosa*, sempre a espicaçar-me as veias.

– Quê?

– Ai.

Que tempo era aquele? Ele quem era?

A imagem de si que o devaneio lhe trazia não era a de um velho a extinguir-se.

O sono ia e vinha, ilíquido e misterioso... A sua mulher

tão jovem, ele com cabelos ainda e os olhos libertos daquelas pálpebras murchas como figos passados.

E os filhos? Quem é que criara filhos melhor do que ele? Vissem, as filhas do Dr. Fulano e do Dr. Sicrano... Vadias! As dele?

Bem, enquanto lhe estiveram à guarda ninguém teve nada que dizer. O resto... será lá com os maridos... geração de cornudos...

– Deixa-te estar que no teu tempo não os havia e bem grandes!

Era a mulher. Teimosa, desconfiada. Ela tinha lá razão para aquilo? Nunca lhe faltara com a comida, até um aparelho de rádio... ao cinema uma noite por mês, calçado e roupa. Belo calçado no Aperta-a-Malha!

Não podia estragar as mãos, a senhora. Aquilo era uma lavadeira, uma costureira, ah e as mulheres que lhe pagava para as limpezas? Oxarias... E o burro a trabalhar!

– Cheira-me a maltês! – A mulher, sempre desconsolosa, a farejar-lhe a roupa.

– Chibante! Desdita a minha carregada de filhos!

Ajeitou melhor a cabeça. A enfermeira sorria-lhe lá longe. Raio de fios e tubos... Ria-se de quê, a sacripanta?

O que seria feito do Evangelista? E o Eugénio?

Ai, o Dr. Ramires, fosse ele vivo... havia de lhe resolver aquilo com um Cibalzolzinho, em vez daqueles malditos barços que o tolhiam na cama.

Quis respirar fundo. Não se recordava já como era. Um! Dois! Um cigarro?

A frieza da mão encontrou-se com o líquido morno de um copo entornado.

Devia ser o soluto de Dakin que usava na barbearia. Belo

ofício, o seu! Espremia altaruns e bezilhões, aplicava ventosas, sanguessugas, lancetava poleirões e até comprou um aparelho de raios ultravioletas pra massajar as lombas dos marrecos.

– Vá, vá, é preciso descansar um pouco. – Descansasse ela, maldita matraca, que não se calava.

– Matraca!

– Quê?

– Sim.

Penteasse macacos, a bacante de branco. Enfermeirola, querias ser doutora mas não passaste do barretinho de goma...

E os seus livros? (Naturalmente a bacante roubara-os!)

Dessem-lhe livros.

– Depois de dormir um bocadinho trago-lhe um livro, está bem?

– Aldrabona!

Aprendeu francês sozinho, ali fechado na contraloja, ele, uma seleta literária e um dicionário velho. Queria saber, saber de tudo. Ao lado da barbearia, abriu uma papelaria e livraria, quando em Olhão ninguém sabia ler. Corja de burros! Um jornal dava para uma rua inteira.

Mandou fazer estantes para as resmas do papel almaço, as folhas de vinte e cinco linhas, os postais de Olhão encomendados a um fotógrafo estrangeiro, papel de carta e envelopes de seda cor de marfim que importara de França para a sua loja «Tabacaria Olhanense». Cartas timbradas com o seu nome, envelopes a condizer, postais de boas-festas, sabia lá. Tudo a preceito, nome da rua, número da porta. Até o telefone! Seria 342? Era. Era o 342!

Macios e transparentes, os seus papéis preciosos, macios e frágeis como as suas pálpebras, como os envelopes. Cuidado com esses pergaminhos!

E papel feito à mão, pintado e tudo.  
Pérolas a porcos. O pouco que sabiam era para escrever nas paredes.

Papel de carta para aquela canalha? Só se fosse pra fazer cartuchos e embrulhar alcagoitas.

– Falta-me o ar.

Onde estava o ar? O ar que abundava na suas correrias pelas ruas estreitas que espreitavam a ria?

De repente viu o filho, as filhas, os netos todos – Estes fios, estes tubos... quero ar, quero ar, erga a vela, mestre Américo, que o vento está de feição!

– Já lá vamos!

– Quero-os na praia o dia inteiro. Já nadam todos, mestre João, até ali a carequinha já bóia!

Ar! Estava onde, o ar? A brisa que o afagava na proa do morraineiro? Quem foi que levou daqui o ar, o azul da Ria, o cheiro das algas secas..... O ar...

De repente: a Mãe!?

– Mãe?

Parecia a filha mais velha, o rosto de alabastro, os lábios rubros como medronhos, a cabeleira castanha a esvoaçar num vento de ternura.

Chovia nos seus olhos enquanto retirava da roda o cestinho onde o seu menino dormia.

– Não vás! Não vás, Mãe!

Mas ela agora não tinha que o deixar. Afagou com doçura o corpinho flagelado. Beijou-o, uma vez e muitas.

– Pronto, filho! Pronto, meu amor.

Apertou-o no peito e envoltos ambos no seu véu de musselina branca levou-o numa vertigem tépida, que a morte, sorrindo havia encomendado à suetada.

## 2 O Salva-Moços

---

A mãe morreu-lhe tinha ele três dias. A avó materna foi a seguir, gafinha de quistos. O pai, a quem pouca alegria restava para mimar o Manel João, deu-lhe a liberdade toda que sabia e o mocinho cresceu na Ilha da Culatra à torreira do sol, os pés descalços gretados pela quentura dos areais nos dias de Verão.

Aprendeu a andar e a nadar quase ao mesmo tempo. Parecia um peixe dentro de água e um gato fora dela. Era esperto e simpático mas a virtude que o destacava dos moços da mesma idade era o desapego com que se atirava para acudir a quem quer que fosse.

– Olhe, *nã* sabe que o Manel João salvou p'lo cagote o filho do Zé Blacha?

– *Tavem* a meio da ria, *pescande*, e não é que o môcequene conseguiu arrastar o outro quase morto p'ra *dentre* do bote?

No mesmo Verão conseguiu arrebanhar às ondas uma ninhada de cães de água que a mulher do Robalo resolvera afogar a meio *da* canal. Criou-os todos, comiam se havia e juntos eram uma matilha. Os cães pareciam falar com ele.

– *Bel moce*, mestre João!

– *Lá isse!*

Cresceu, puro e bravo como o mar onde morava.

A sorte parecia crescer com ele. Era grande, bonito, rijo.

– *É foito o sê filhe*, compadre João.

Olhos verdes como um turco de raça, corajoso até ao atrevimento. Contavam na Culatra que uma vez apareceram por lá três agentes da Pide à caça de dois homens com fama de contrabandistas, e que em conversas de copos teriam gabado o general Delgado. O caso foi feio. O povo desmentiu, ninguém sabia de nada.

– *Estrabuchem* à vontade que aqui *das barrecas* ninguém abre a boca.

Ninguém sabia de nada. Ninguém vira nada. Mas o Mairinho, fraco da cabeça e meio esgazeado com a pinga, disse-lhes que perguntassem ao Manel João que ele era capaz de saber.

E lá foram os bufos espreitar a barraca do Manel João.

Viram o velho sentado num poial a esfolar polvos.

– O *tê filhe* onde pára?

– O *mê filhe* anda na maré, só volta *em enchende!*

– Vais buscá-lo ou queres porrada?

Quando o Manel chegou, perto das quatro da noite, encontrou o velhote como um feto abortado no meio do areal, junto de casa.

– Ah chaporros! Ah cabrões! Ah *mê querida* pai!

Gritava chorando o seu pai ali morto à pancada por aquele bando de criminosos.

E de repente ouviu-os ganir junto do molho das redes.

– Olha a porra, lá descobriram o velho Firmino e o pai do Mola-a-baixo.

Fez-se aos pides como um vagalhão se faz a um rochedo!

Espumou. Apertou os punhos.

– Ah... escondes aqui *quemenistas*, *filhe* duma...

E não tiveram tempo de acabar a ofensa.

O que se passou ninguém chegou a saber mas os três *funcionários* sumiram-se na mesma noite em que três poitas de cimento desapareceram juntamente com umas redes de cerco abandonadas na praia.

Uma vez, tinha ele já os seus corpulentos dezassete anos, ao passar atrás da Igreja, ouviu gemer. Correu para acudir e deparou-se com uma rapariga quase da sua idade que se contorcia com dores de parto, sozinha, no chão, atrás de uns arbustos.

– Ai acode-me, acode-me pela tua saúde!

Ele bem queria acudir mas, um parto, um parto de mulher era coisa de que não percebia absolutamente nada.

– *Agora é que tá pior!* *Ê* percebo alguma coisa dessas barafundas?

– *Ê* também *sê pouque*, mas faz como te *digue*. Tens por aí um canivete? E um cordel? Tens aí um cordel, raio?

Um canivete tinha, para descabeçar o peixe, agora um cordel?

– Só se for isto! – E desatou os cordões dos sapatos.

Dali a poucos minutos começou a moça aos berros.

– A cabeça! É a cabeça do bebé a sair, puxa aí por amor de Deus!

Puxou. Ela berrou mais e num alago de sangue e água e sabia lá mais o quê, aí estava ele com uma criança nas mãos.

– Ora esta, é um menino! E agora?

– *Agora corta-le* o cordão com o canivete e amarra bem a tripa com o cordel.

Com as mãos a tremer e o suor a escorrer-lhe pelo corpo,

fez tudo como ela disse.

– E agora?

– Agora... há de ser o que Deus quiser quando o meu pai souber desta desgraça!

Não havia pai nenhum que pudesse renegar aquele milagre. Não à sua frente.

Despiu o casaco e enrolou nele a criança. Depois, carregou a moça às costas e foi dali entregar a encomenda na barraca dos pais dela.

– Está aqui. Duas crianças vivas por milagre de Deus! Se alguém nesta casa tiver a coragem de as maltratar é melhor que o faça já.

Ninguém se mexeu. Do rosto de Manuel João parecia desprender-se uma autoridade que nem o mais bravo ousava desafiar.

Os pais da rapariga estremeceram. As mãos do homem crispavam-se mas, quando o braço do rapagão lhe rodeou as costas mais não fizeram do que erguer-se em paz.

– Deus te abençoe Mandelinho, por teres acudido à minha filha numa loucura destas!

Tanto na ilha, como em Olhão, todos tinham uma pequena ou grande história para contar sobre o Manel João.

No mar, na ria, em terra, pareciam articular-se as catástrofes com a presença dele e depois de um incêndio, em Olhão, nas Cabanitas, onde arrancou às chamas um par de recém-nascidos, deixou para trás o nome de Manel João e todos lhe passaram a chamar o «Salva-Moces».

Até que chegou a idade da tropa e o raio da guerra.

– O Manel João embarca no Domingo!

Saiu de manhã cedo, de Olhão, no comboio das seis com o Jôquenite Garrôche, o Firmino e o Mola-Abaixo.

O que se passou lá pelo Ultramar nunca o saberemos, pois só o Firmino voltou vivo. E vivo porque o Manel João o conseguiu arrastar às costas num trilho de quase cinco quilómetros.

– Foge, Salva-Moces *qu'ê nã* tenho safa. Sem uma perna...

– Vamos os dois, Firmino, vamos os dois!

Conseguiram encontrar a Companhia de que se haviam perdido. Manel João içou-o a custo para dentro da viatura mas já não ouviu o agradecimento do amigo. Uma rajada perdida estilhaçou-lhe a mão direita e quando acordou num quarto de hospital, virou-se para os camaradas que o olhavam apreensivos. Sorriu-lhes e com uma voz ainda sedada murmurou – A cabroagem que se ponha a pau porque o Maneta é muito mais desmaranhado que o Salva-Moces!

“Dali a um belo bocado nasceu a minha mana Carochinha, o *mê mane Patude* e no limite do milagre nasci eu. (...)”

– É outra canita, mestre, é outra canita, mas esta só tem a orgadura, parece uma formiga ao pé dos irmãos.

Senti o sol a aquecer-me o corpo ensanguentado, como se de uma outra placenta se tratasse e enchi os pulmões de ar. (...)”

– Olhe, a canita tem um pé cá e um pé lá. É de pouco corpo, isto, calhando, morre.

Foi quando a mão do mestre Chico me ergueu no ar a caminho da camisa aberta (...) – Qual morre, qual quê, cão seja eu se esta Formiga não se fizer na *campeôa* da ninhada.”